

**OS JOÕES DE SANTO CRISTO:  
COMO OS EXCLUÍDOS SÃO TRATADOS NO BRASIL;  
A RENEGAÇÃO DE SUAS HISTÓRIAS**

**GABRIELA LOYOLA DE CARVALHO<sup>1</sup>  
PAULO HENRIQUE BORGES DA ROCHA<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O presente artigo visa discutir o problema da desigualdade econômica e social e a discriminação gerada por ambas, tendo como plano de fundo a história da vida de João de Santo Cristo, personagem do livro *Faroeste caboclo*, escrito por Jorge Leite de Siqueira. O relato da vida de João abre espaço para a discussão central do artigo que é a coisificação do outro, em outras palavras, a teoria do Nós X Eles. O artigo trabalha com a realidade brasileira, sua desigualdade e como os excluídos, ou seja, os marginais, que vivem a margem da sociedade, são vistos e tratados. Aborda-se também a diferença de tratamento gerada pela aparência e condição financeira da pessoa, mostrando que os ditos “criminosos” nem sempre são os únicos culpados da violência ocorrida no Brasil, muito embora sejam eles os mais violentados. Esse trabalho pretende iniciar uma discussão sobre o modelo social que temos e como podemos humanizar o outro e não o coisificar como ocorre atualmente. Diferenças sociais, culturais e econômicas existem em todos os países. A proposta do presente trabalho não é indicar uma possibilidade utópica, mas sim, mostrar que toda pessoa que é julgada como má ou vândala tem uma história e, essa história não pode ser deixada de lado. Há a necessidade de se enxergar o próximo como outro ser humano, detentor de direitos e de uma história. Além de que nenhum desses fatos podem ser excluídos para que assim possa existir uma real igualdade entre os indivíduos.

**PALAVRAS-CHAVE:** discriminação; desigualdade social e econômica; excluídos.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Direito pela Faculdade de Direito do Sul de Minas. Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de Sete Lagoas.

<sup>2</sup> Mestrando em Direito pela Faculdade de Direito do Sul de Minas. Especialista em Pedagogia Jurídica pela Universidade Anhanguera. Bacharel em Direito pela Faculdade Pitágoras.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por escopo abordar sobre a questão da discriminação gerada a partir da desigualdade econômica e social presente na sociedade. O preconceito enraizado nos paradigmas dos cidadãos brasileiros reflete na forma como vemos o outro. De certa maneira, tendemos a considerar aquele excluído, à margem da sociedade, como o bandido, o ladrão, aquele que pratica o crime, o lado mau da sociedade. Enquanto que, na verdade, esquecemos que existe uma pessoa, por trás desse indivíduo, dotada de dignidade, assim como todos os outros cidadãos, mas que por circunstâncias sociais, raciais e econômicas não puderam ou não quiseram desfrutar das mesmas igualdades que outros.

Partimos do pressuposto de que em virtude da diferenciação, seja ela de qual origem for, somos melhores do que outras pessoas que não se encontram na mesma condição do que a nossa. Vivemos em uma sociedade hipócrita que visa permanecer no mesmo status que ocupa ou mesmo subir mais um degrau, mas que ignora as reais necessidades dos demais, os tratando como coisas, olvidando que, na verdade, somos frutos do mesmo sistema.

O artigo em questão buscou contextualizar tal pressuposto por meio do livro *Faroeste caboclo* de Jorge Lei de Siqueira. O livro relata a história de João de Santo Cristo, nascido de família humilde e que, por ser órfão de pai e mãe, desde muito novo, e, em virtude de sua cor, sofre o preconceito existente na sociedade.

## 2 A VIDA DE JOÃO DE SANTO CRISTO

João de Santo Cristo, nascido em algum pedaço da Bahia, de um lugar chamado Boa Vista, era filho de João Fernando, trabalhador braçal, sempre capinando a terra, limpando a plantação de milho, fonte de seu sustento.

A vida de João nunca foi fácil. Sua mãe morreu quando pequeno; seu pai, que batalhava todos os anos contra a seca, plantava tudo o que podia brotar e render boas colheitas em suas terras.

Desde a morte de sua mãe, seu pai se tornara outra pessoa. A seca reduziu suas terras a umas poucas notas: teve que vender suas terras ao prefeito, que não era tão bonzinho assim, como ele pensava. Agora estava concordando com a oposição”<sup>3</sup>. A um futuro miserável, João Fernando se entregara. Agora, bebidas, mulheres e confusões faziam parte de sua realidade.

João de Santo Cristo já de muito pequeno praticava suas malvadezas. “Era um menino muito esperto, muito inteligente, mas que não gostava de escola. Adorava travessuras e vivia sempre aprontando”<sup>4</sup>. Joãozinho como era chamado, não quis se entregar a um futuro sem perspectivas que sua família pobre e sofredora estava condenada. Não só sua família como várias outras que no mesmo paradigma se encontravam.

O destino nem sempre foi a favor de João. Pequeno, ainda, assistiu a morte de seu pai. Após enfrentar a fúria de um policial, João Fernando se entregou, levou um tiro no peito. Uns diziam que fora autodefesa, outros, covardia do policial. Para João, foi suicídio. “João Fernando havia perdido a esperança de uma vida melhor. Havia perdido a esperança de encontrar pessoas que realmente faziam o bem, sem interesses próprios. Havia perdido a coragem de tentar melhorar. Havia chegado ao seu limite. Para ele, o melhor era morrer”<sup>5</sup>.

O melhor amigo de João se chamava Zé Luiz. Assim como João “foi abandonado por sua mãe, quando ainda era bebezinho, em um orfanato da cidade. Sempre seguiu as maldades que os maiores faziam”<sup>6</sup>. Zé Luiz vivia fugindo do orfanato. Sempre o resgatavam, até que um dia, cansaram de tanta bagunça que aprontava. O mundo, então, ganhava mais um moleque de rua. Além da forte amizade, João e Zé compartilhavam de outros fatores:

[...] era negro, também, assim como João. E já sofria com o preconceito das pessoas. Aprendeu a roubar devido a esta discriminação. Ia pedir as coisas, mas percebeu que era muito difícil.

---

<sup>3</sup> SIQUEIRA, 2013, p. 5.

<sup>4</sup> Id., p. 6.

<sup>5</sup> Id., p. 7.

<sup>6</sup> Id., p. 9.

As pessoas se fechavam para ele. Nunca conseguiu nenhum carinho. Sentia uma dor enorme quando pedia um prato de comida, tendo fome, e recebia um não como resposta. Com isso, aprendeu a tomar. Aprendeu a pegar o que não era dele. A princípio, começou a pegar comida. Depois, passou a pegar brinquedos, roupas, e coisas desse tipo<sup>7</sup>

João havia conhecido Zé no enterro de seu pai. “ – Minha mãe morreu, faz tempo. Meu pai morreu ontem. Foi enterrado hoje. Mas, eu não morava com ele. Ele sempre bebia muito e ficava jogado pelas calçadas. Eu aprendi a morar nas ruas porque não gostava de morar com a minha tia”<sup>8</sup> dizia João a Zé. Por desfrutarem de um passado semelhante, a amizade entre os dois cada dia se fortalecia.

Com o passar dos anos, os dois amigos cada vez mais aprontavam. João dizia que queria ser bandido. A ousadia, agora, falava mais alto. “Se queriam alguma coisa mais cara, tentavam roubar algo e trocar por aquilo. Foi assim com o walkman, com o videogame, com a câmera fotográfica”<sup>9</sup>.

Ambos tinham consciência de que a vida que levavam não era certa. Por outro lado, indignados ficam com tamanha injustiça no mundo. “Por quê uns tem muito e outros não tem nada, que nem a gente?”<sup>10</sup> se indignava Zé Luiz. Conversavam a respeito de Jairzinho, um menino branquinho, limpinho que usava roupas novas.

Os garotos sentiam na pele o que era a discriminação. “Acham que porque a gente é preto e pobre devem ficar com medo da gente”<sup>11</sup>. Sentiam que os tratavam como bandidos. O ódio tomava. A sede de vingança já era maior.

O mundo das drogas sempre foi acessível aos garotos. Não é atoa que de muito novos, já haviam experimentado maconha. Sandrinha, uma menina rica, fazia parte das travessuras dos amigos. Ninguém desconfia das confusões dos garotos quando Sandrinha estava por perto. Zé estava gostando dela. O preconceito não atingia somente quem estava fora do campo da discriminação, era notório também, a

---

<sup>7</sup> Id., p. 10.

<sup>8</sup> Id., p. 11.

<sup>9</sup> Id., p. 12.

<sup>10</sup> Id., p. 12.

<sup>11</sup> Id., p. 13.

discriminação do próprio João quanto ao namoro do Zé e da Sandrinha. “Você sabe... Ela é rica; você, pobre. Ela, branca; você, negro. — Porra, João! Você também é negro e pobre. Não está percebendo que está com preconceito?”<sup>12</sup>.

“O tempo passou e João já tinha quinze anos. A sua vida continuava igual. Não tinha perspectivas de um futuro melhor e percebia a discriminação em tudo quanto ia fazer. Sentia a má vontade das pessoas em ajudarem-no”<sup>13</sup>. João frequentava a escola, já sabia ler e escrever mas não entendia as coisas complicadas que a escola ensinava. A princípio não queria ir, mas por força dos amigos, foi convencido. João pensava que de alguma forma os estudos poderiam ajudá-lo a mudar a direção de sua vida. Santo Cristo não concordava muito com o que ensinavam na escola, e, em uma dessas confusões acabou suspenso da escola. A partir de então, decidiu não mais frequentá-la. Ele mesmo daria um rumo em sua vida.

Sua mentalidade depois disso mudou. Sabia que seria capaz de algo novo, que mudasse a trajetória que seguia. Em uma de suas ideias, no intuito de chamar a atenção daqueles que os ignoravam, mostrar a eles que existia, João queria pinchar o prédio da prefeitura. Por causa disso, João foi levado ao reformatório, “quando foram levados para o carro de polícia, João percebeu que estava diferente. O ódio que ele sentiu durante toda a sua vida tinha mudado. Ele agora tinha ódio do sistema”<sup>14</sup>.

João, após sair do reformatório, por meio da influência do prefeito, já que naquela época era o período eleitoral, foi um dos alvos das propagandas do candidato à reeleição, sobre a reabilitação dos jovens delinquentes. João entra na política por meio do Seu Raul. Esse, por sua vez, era o candidato da oposição que deu a Santo Cristo um novo emprego em seu estabelecimento. Via em João uma forma de ascender ao poder. João era um rapaz carismático, que conquistava o eleitorado com seus belos discursos. E era nessa nova fase que João via a possibilidade de mudar o sistema, de eliminar a corrupção, as mentiras, o jogo de interesses, como era a política do concorrente.

---

<sup>12</sup> Id., p. 16.

<sup>13</sup> Id., p. 21.

<sup>14</sup> Id., p. 24.

João participava de comícios, de entrega de folhetos, de visitas a casas dos moradores, de palestras em escolas, e assim por diante. Aprendeu a falar para as pessoas, sendo simples como era, e aproveitando o seu passado pobre, demonstrava um sentimento de esperança ao povo. Além de tudo, sempre lembrava do que havia acontecido com seu pai. A política era um vício e ele estava gostando.<sup>15</sup>

Já no fim das eleições, João tem uma surpresa desagradável com Seu Raul. Tudo aquilo que foi contra durante toda a campanha, agora Seu Raul queria fazer igual à oposição. João, que imagina ser seu Raul um candidato diferente, viu nada menos do que aquilo que abominava. Desapontando com os rumos que a eleição tomou, João decide ir embora,

Eu vou embora. Aqui não é meu lugar. Está tudo errado. Não confio em mais ninguém, não confio no sistema, não acredito na política. Não tem trabalho decente, só escravidão. Os meus amigos todos estão procurando emprego. Não tem como viver neste lugar.<sup>16</sup>

Do dinheiro do acerto de seu trabalho comprou uma passagem pra Salvador. Sem saber ao certo qual rumo tomar, para onde ir, o que fazer, conheceu, na rodoviária, alguém que poderia mudar seu destino. Fernando era um fazendeiro que iria à Brasília visitar a filha. Comovido com a história de Santo Cristo, arrumou-lhe um emprego na carpintaria de seu genro, moradia na casa de sua filha até que João pudesse caminhar com suas próprias pernas.

Inicialmente sua vida na carpintaria era como a de qualquer outro trabalhador. Cumpria sua carga horária e ao fim do dia só queria descansar. Do momento em que começou a receber seu salário, as coisas mudaram. Passava agora a beber mais, sair mais, e a fazer uso de drogas. De uma dessas noitadas, conheceu Pablo, um peruano que vivia na Bolívia, que começava sua vida de traficante. João, todavia, não ganhava o suficiente para alimentar seus vícios, a insatisfação começava a tomar conta dele.

Pablo, com o patrocínio de alguns traficantes do Rio de Janeiro, planejava iniciar uma plantação de maconha. Com a ajuda de João, poderia agilizar o processo. Dessa

---

<sup>15</sup> Id., p.44.

<sup>16</sup> Id., p. 54.

forma, João juntamente com Pablo começaram a distribuir o produto, tornando-se um dos maiores traficantes de Brasília.

Santo Cristo, todavia, se apaixonou. Maria Lúcia era o nome dela e em nome de seu amor por ela, abandona o tráfico. Acontece que o que João havia planejado, de viver uma vida sem muitas regalias, ganhando seu salário mensal, não funcionou. João sentia falta do tráfico, e assim decide retornar. Todavia, as coisas já não estavam como antes. Vários pontos de distribuição haviam sido tomados. Novos traficantes ganhavam poder. A retomada de seu império seria difícil. Seu novo concorrente, Jeremias, além de disputar o poder com João, também levava seu amor, Maria Lúcia. Em um duelo, Santo Cristo enfrenta Jeremias. E assim o fim de João chega. Morto por um tiro pelas costas dado por Jeremias.

### **3 REFLEXÃO SOBRE AS DISCRIMINAÇÕES SOFRIDAS POR JOÃO**

Antes de entrar no cerne da questão da discriminação, faz-se necessário refletir sobre a questão da violência. Há três tipos de violências: 1) a violência subjetiva, que é quando há a vontade de praticar a violência, quando a pessoa decide praticar a violência, passando de uma situação aparentemente violenta para uma ação violenta; 2) a violência objetiva, que, diferente da violência subjetiva, é permanente, “[...] são as estruturas sociais e econômicas, as permanentes relações que se reproduzem em uma sociedade hierarquizada, excludente, desigual, opressiva e repressiva” e 3) violência simbólica, que também é permanente e se reproduz na linguagem, na arquitetura, na arte, na moda entre outras formas, fazendo uma distinção entre as pessoas através desses mecanismos<sup>17</sup>.

A violência simbólica e a objetiva são as violências mais danosas para a pessoa. A discriminação está dentro das duas, na violência simbólica pode ser percebida quando alguém diz “isso é coisa de preto”, ou quando se constrói uma galeria toda branca, pois o branco significa puro, bom, bonito, limpo, enquanto o escuro significa o oposto. Já a violência objetiva é visualizada diariamente quando uma pessoa tem um tratamento de saúde de baixa qualidade por não ter dinheiro para arcar com as despesas de um

---

<sup>17</sup> MAGALHÃES, 2013, p. 54.

tratamento particular, quando uma pessoa é proibida de entrar em algum estabelecimento por não se vestir “adequadamente”, ou por não pertencer a certo “ciclo social”. Essas discriminações são muitas das vezes inconscientes, a forma de olhar o diferente, o negro, o pobre, é uma forma de discriminação, que está tão enraizada na cultura brasileira que os próprios pobres, negros, entre outras minorias se discriminam, sendo eles os primeiros a se discriminarem. Um ótimo exemplo dos problemas da não aceitação das diferenças é a história de Débora<sup>18</sup>, que tinha dores de cabeça inexplicáveis, que na verdade ocorriam pelo fato de ela pentear tanto e com tanta força os cabelos que sua cabeça ficava dolorida, e a história mais emblemática é a de Júlia, uma menina de oito anos, que foi surpreendida por sua mãe penteando seus cabelos com tanta força que fez seu próprio couro cabeludo sangrar<sup>19</sup>.

Esses efeitos são sintomas e não o problema, o problema é estrutural, cultural, de aceitação. Deve haver uma mudança, há a necessidade de se criar uma cultura de aceitação do plural, do diferente. Não podemos aceitar que “[...]uma criança, dada a sua fragilidade, aja desse modo buscando uma forma de afirmar para si mesma que não é aquilo que é[...]”<sup>20</sup>. João de Sando Cristo percebeu sua auto discriminação quando seu amigo Zé Luiz lhe contou que tinha iniciado o namoro com Sandrinha, que era amiga dos dois. João logo argumentou se daria certo o namoro, uma vez que ela era rica e branca ao contrário de seu amigo que era negro e pobre. Zé logo disse que isso era discriminação e que João também era negro e pobre. Isso foi uma revelação para João, que ao perceber seu preconceito deu razão e desejou sorte a seu amigo. Essa visão de inferioridade é construída a partir da convivência em sociedade, mostrando que as pessoas vítimas de preconceito, que são excluídas, assimilam a hierarquia social e a incorporam, julgando seus atos a partir dessa hierarquização.

O Estado tem o dever de promover o respeito pelas diferenças, mostrando que a diversidade é boa, mas o primeiro local onde a pessoa aprende o contrário é na escola.

---

<sup>18</sup> A história de Débora e de Júlia são contadas por Jessé Souza, no livro *Ralé brasileira*.

<sup>19</sup> SOUZA, 2009, p. 355.

<sup>20</sup> Id., p. 356.

As escolas ensinam que a uniformização é boa, que o diferente não é aceito, quem não utiliza o uniforme, não pensa da forma que “tem” de pensar, é excluído, em alguns casos até mesmo da própria instituição de ensino. Essa criança aprende que o padrão é bom, que o que não está no padrão é ruim. Isso já explica a atitude de Débora e de Júlia, que não aceitam seus cabelos, não os aceitam por não serem iguais aos padrões de beleza, não sendo como o padrão ele é feio, é desqualificado, tem de ser alterado, mesmo que isso signifique uma espécie de automutilação. Simbolicamente, as escolas modernas dizem às crianças que tem de se adequar, se conformar, pois esse é o seu lugar no sistema. Essa criança que aprende isso na escola irá de alguma forma reagir à “ameaça” do diferente, excluindo e punindo o diferente “ruim”. Até mesmo os professores pecam nesse momento, a criança dita mais bonita é mais bem tratada, recebe mais atenção<sup>21</sup>. As escolas não estão preparadas para lidar com a diferença, ao contrário, o ensino eclesiástico adotado no Brasil, onde o professor diz a verdade enquanto os alunos em fila o escutam e aceitam aquela verdade sem questionamento, promovendo assim uma “educação bancária”<sup>22</sup>, onde o professor deposita conhecimento no aluno, junto com o ideal moderno de escola, que serve para formar operadores em fábricas, promovendo a uniformização, é uma forma de educação escolar ultrapassada, que não atinge o objetivo de educar os alunos para conviverem em sociedade, ao menos não em uma sociedade plural e democrática.

A instituição de ensino ensina a criança a conviver em uma sociedade hierarquizada, seja pelo dinheiro, pela beleza ou pela cor de pele<sup>23</sup>. João de Santo Cristo, aos 15 anos, discutiu com seu professor de português por não entender o que ele ensinava como sendo a verdade absoluta, o que lhe rendeu uma suspensão, ele não entendia qual era a serventia das fórmulas matemáticas, da história romana, se ele

---

<sup>21</sup> MAGALHÃES, 2013, p. 55-56.

<sup>22</sup> FREIRE, 1996. p. 47.

<sup>23</sup> “Em outras palavras, a escola moderna ensina diariamente a criança a praticar o *“bullying”*. Veja-se então a ineficiência das políticas de combate à violência, à discriminação, à corrupção que padecem, todas, deste mal. No exemplo descrito anteriormente, a escola, o estado, os governos, criam políticas públicas pontuais de combate ao *“bullying”* (a tortura mental e agressão física decorrente da discriminação do “diferente”) ao mesmo tempo que mantêm uma estrutura simbólica que ensina a discriminação (o *“bullying”*)” (MAGALHÃES, 2013, p. 56).

nunca utilizaria esses conhecimentos em seu cotidiano. Faltou uma instrução para ele, não o fora explicado a serventia de cada matéria, nem mesmo a necessidade de se aprender algo que as ruas não o ensinara, ele era esperto, muito inteligente, sempre adiantado em relação a seus colegas, mas não se enquadrava no padrão, sendo relegado pelas engrenagens do sistema educacional.

Não adianta instituir políticas públicas de combate a violência subjetiva, sem que haja uma mudança na estrutura socioeconômica opressiva e desigual que existe no Brasil, que reproduzem a desigualdade, a opressão, a exclusão do “outro” diferente, subalternizado inferiorizado<sup>24</sup>. Na realidade, o Estado Moderno é um Estado uniformizador, normalizador, onde a partir “Desta uniformização (homogeneização) depende a efetividade de seu poder”<sup>25</sup>.

A sociedade, embalada pela grande mídia, aposta na punição dos excluídos, dos não enquadrados, dos não uniformizados e não normalizados. Isso cria uma forma de higienização urbana, sendo essa a mais nova política urbana do século XXI, tornando o Direito Penal o caminho para essa higienização, pois assim não há a necessidade de entender o outro, basta somente prende-lo, excluí-lo, julga-lo<sup>26</sup>. Essa preferência pela exclusão é fundamentada pela lógica “nós X eles”, sobre a qual se baseia a modernidade, ou seja, o fato de “eles” não serem iguais a “nós”. “Eles” são coisificados, são animalizados, não possuem alma. Essa lógica possibilitou as barbáries cometidas contras os povos originários nas Américas, com os povos colonizados na África, e todas as barbáries cometidas pela humanidade durante a modernidade<sup>27</sup>.

O discurso politicamente correto que é defendido atualmente é que não existe mais, no Brasil, o dogma que define os “bons” (brancos) dos “maus” (negros), que defende os “bons” dos “maus”, como explicar “[...] as afirmações de “orgulho racial” tão

---

<sup>24</sup> MAGALHÃES, 2013, p. 55.

<sup>25</sup> MAGALHÃES, 2012, p. 17.

<sup>26</sup> MAGALHÃES, 2013, p. 57.

<sup>27</sup> MAGALHÃES, 2012, p.27-28.

frequentes quanto difusas entre brancos e mulatos no Brasil? Como explicar o comportamento ostensivamente racista?”<sup>28</sup>

É certo dizer que o racismo brasileiro é diferente que o dos Estados Unidos. Nos Estados Unidos há a segregação física entre os negros e brancos, tendo até igrejas onde pessoas de certa tonalidade de pele não podem entrar. No Brasil, o racismo é diferente, é um racismo hipócrita, onde todos se dizem não ser racista, mas quando um negro se move contra a *doxa* estética, a sociedade como um todo reage de forma racista, excluindo e desqualificando essa pessoa<sup>29</sup>. Esse tipo de racismo é insuportável, uma vez que até a punição dos “agressores” se torna de difícil efetivação, uma vez que a reação é espontânea e só ocorre quando um negro tenta romper com a hierarquia social imposta.

Os atos racistas nada mais são que um esforço para “tapar o buraco” de uma carência emocional, sendo o orgulho racial uma fonte substitutiva de autoafirmação.

Isso explica inclusive por que as classes de menor status são as mais racistas, fato constatado por diversos estudos. Não a sua pobreza em dinheiro, mas antes de tudo a insegurança existencial dessas pessoas diante de um universo de insígnias de dignidade humana e de nobreza cultural (conhecimento incorporado, gostos sofisticados), as quais elas preenchem pouco ou sequer preenchem, faz com que elas busquem fontes substitutivas de autoafirmação. Algo semelhante acontece com o machismo: os homens são tanto mais dependentes da sua honra de “macho” para se autoafirmarem como seres de valor, quanto mais são carentes das fontes de reconhecimento referentes à situação de classe<sup>30</sup>.

Voltando ao século XVI, uma pergunta vem à tona. Os ocidentais não tinham espelhos? Essa pergunta é pertinente ao repensar as acusações que fizeram os portugueses, espanhóis, holandeses e todos os outros povos modernos sobre os demais povos, apontando as “barbáries” que os povos “menos evoluídos” cometiam, não sendo capazes de enxergar suas próprias barbáries a partir do humanismo cristão. Na realidade, eles tinham espelho sim, mas era o espelho de narciso, que mostrava o que

---

<sup>28</sup> SOUZA, 2009, p. 377.

<sup>29</sup> Id., p. 372.

<sup>30</sup> Id., p. 377-378.

eles queriam ver, ou seja, a sua “superioridade”, sua beleza escultural, tratando de um espelho que não revela, mas esconde a verdade. Através desse espelho “nós” somos mais evoluídos, somos melhores e devemos purificar e evoluir “eles”. “Este é um dispositivo perigoso, pois, quando denunciemos a falta do espelho, quando afirmamos que este “nós” comete as “selvagerias” ou “barbáries”, “nós” retruca mostrando o espelho de narciso: “veja, não há nada de mal aqui”, ou ainda, “o mal que há não é de nossa responsabilidade, a responsabilidade é deles que recebemos tão bem em nossa terra”<sup>31</sup>.

No Brasil há esse espelho de narciso, onde se vê somente o que se quer enxergar. Mesmo os que são discriminados discriminam por conta desse espelho que eles consultam, quando o espelho lhes diz o que ele quer escutar e não a realidade, há uma confusão enorme.

[...] o racismo ostensivo daqueles mulatos que querem acreditar ser brancos é movido pelo esforço para negarem a própria condição de negros. O negro que essas pessoas ofendem na escola, numa festa ou em qualquer outra ocasião não é senão aquela negridão inadmissível que elas veem no espelho. Projeta-se o que se odeia em si mesmo numa figura frágil o bastante para que se possa exercer sobre ela esse ódio. Um policial negro que não aceita o fato de ser negro será certamente um dos mais aficionados em “dar duras” em jovens negros. Quando o Estado entrega a uma pessoa tão existencialmente insegura uma insígnia que de uma hora para a outra, como que num passe de mágica, concede a ela um grande poder de violência e o peso de toda uma instituição para legitimar o seu exercício, ele (o Estado) está literalmente armando o racista<sup>32</sup>.

O racismo muitas das vezes ocorre em relação a condição financeira da pessoa, uma pessoa com mais recursos financeiros é melhor tratada, sendo essa uma fusão do capitalismo com a concepção moderna de sociedade. Na sociedade moderna, o dinheiro encontra-se tão encrustado no consciente coletivo, que adquire, de certo modo, o estatuto que as instituições do espaço e do tempo tinham em Kant. Percebe-se, dessa forma, o mundo moderno e suas relações a partir das características que o dinheiro promove, guiando-nos no sentir e pensar. A capacidade avaliativa da pessoa tende a

<sup>31</sup> MAGALHÃES, 2012, p. 27-28.

<sup>32</sup> SOUZA, 2009, p. 378.

assumir a forma quantitativa do dinheiro, assim o sujeito que é mais digno, mais importante, melhor, é o que tem mais dinheiro, sendo ele merecedor de mais “amor” e de “atenção”<sup>33</sup>.

Privados de status econômico e social, os indivíduos invisíveis começam a se socializar de uma maneira que os conduz a ocupar uma posição de inferioridade em relação aos indivíduos imunes e a aceitar a arbitrariedade por parte das autoridades públicas. Eles não mais esperam que seus direitos sejam respeitados pelos outros ou pelas instituições com responsabilidade em aplicar as leis. Aqueles que reagem a essa posição degradante se tornam uma ameaça e são tratados como inimigos. Ao mesmo tempo, os indivíduos imunes não se consideram compelidos a respeitar aqueles que veem como inferiores ou inimigos. O mesmo se aplica às autoridades cooptadas. Nesse caso, um grande número de pessoas está abaixo da lei, enquanto um grupo de privilegiados está acima do controle estatal. Dessa maneira, o Estado que supostamente seria o responsável pela utilização dos mecanismos formais de controle social, em conformidade com a lei e pelos seus meios coercitivos, começa a reproduzir parâmetros socialmente generalizados<sup>34</sup>.

As classes sociais que sofrem preconceito são violentadas diariamente por palavras, gestos, insinuações, brincadeiras, etc., o que leva a pensar que um tipo de pessoa é melhor que os demais, possibilitando rotular os que não se enquadram na sociedade como vândalos, criminosos, marginais, quando na realidade são apenas pessoas, com sonhos e desejos. João mostrou isso quando foi para o reformatório e disse para Zé Luiz cuidar do povo que era enganado, como enganaram seu pai a vida toda. João mesmo não se enquadrando na sociedade tinha desejos “nobres”, ele desejava o bem das pessoas carentes, que sofriam nas mãos dos que detinham o poder. A forma de ajudar aos seus iguais era somente aquela, por isso foi considerado criminoso. Ele foi violentado das mais variadas formas durante toda sua vida, não entendendo como funcionava e o porquê existia a discriminação por sua classe e sua cor. A maioria das pessoas em sua posição se anularia, ele, por outro lado, tentou fazer algo diferente: buscou se impor.

---

<sup>33</sup> SOUZA, 2013.

<sup>34</sup> VIEIRA, 2011, p. 41.

#### 4 CONCLUSÃO

O artigo em questão pretendeu analisar de que forma a discriminação oriunda da desigualdade econômica e social interfere na forma de tratamento das pessoas excluídas da sociedade. Por excluídos, entendemos aqueles que estão à margem da sociedade, que são considerados por ela como indivíduos marginalizados.

Associamos a essa forma de exclusão social o fator da desigualdade econômica, social e racial. Há uma tendência a considerar aquele indivíduo desprovido das mesmas condições do que outros como um ser carente de tratamento diverso, que não pode ser visto com a dignidade pertencente a cada cidadão. A essa atitude, de coisificar o homem, olvidando de seu caráter humano é que nos propomos a debater.

Na verdade, a sociedade salienta-se somente para o lado do “Nós”, esquecendo-se que, na realidade, o nós somos também eles. Quando tratamos o outro como “Eles”, não levamos em conta existe toda uma trajetória vivida por aquele indivíduo e que, ao invés de levarmos em conta a história que cada um carrega, optamos por rotulá-los como à margem da sociedade em que vivemos.

Carregamos o peso da hipocrisia social quando fazemos discriminações quanto à cor, a origem social, o peso econômico que cada cidadão alberga. Por trás de todo cidadão assim considerado individualmente, existe um ser complexo, com várias dimensões, que se esconde por trás do nome reducionista atribuídos a eles, tais como “o bandido”, “o drogado”, etc.

#### REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996

MAGALHÃES, José Luiz Quadros de. *O estado plurinacional e o direito internacional moderno*. Curitiba: Juruá, 2012

MAGALHÃES, José Luiz Quadros de. Reflexões contemporâneas: corrupção. *Legis Augustus*, Rio de Janeiro, n. 2, v. 3, p. 53-66, jul./dez., 2012. Disponível em: <<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/legisaugustus/article/view/282>> Acesso em: 6 nov. 2013.

SIQUEIRA, José Leite de. *Faraoste caboclo*. Disponível em: <<http://www.submit.10envolve.com.br/uploads/8a7a7b5ca37abe95eba94198f83e9dde.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2013.

SOUZA, Jessé. *Ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé. O que é a “dignidade humana”? A cerca da importância dos direitos sociais em uma sociedade desigual. In: TOLEDO, Cláudia (Org.). *Direitos sociais em debate*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

VIEIRA, Oscar Vilhena. Desigualdad estructural y estado de derecho. In: GARAVITO, César Rodríguez (Coord.). *El derecho en América Latina: un mapa para el pensamiento jurídico del siglo XXI*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011. p. 25-46.